

# **“Quem tem trigo d'Ascensão, todo o ano terá pão.” Ditos de velha, ritual ou reinvenção da tradição?**

**Picking up wheat on Ascension Day, brings you bread along  
the way. Popular sayings, ritual or tradition reinventing?**

**Rosalina Pisco Costa**

Universidade de Évora / CICS.NOVA.UÉvora (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais). Portugal  
rosalina@uevora.pt

Nota: A autora utiliza a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

A Cidade de Évora. III série. N.º3. 2020. (pp.94-107)

## Sinopse

Este texto ensaia uma leitura socio-antropológica do Dia da Espiga como ritual familiar. Tributário de contributos disciplinares diversos e investigação empírica anterior desenvolvida pela autora, recorre à auto-observação reflexiva e escrita auto-etnográfica para, a partir da cidade de Évora, explorar, pensar e discutir cientificamente objectos da cultura e do património (i)material alentejano à escala global.

**Palavras-chave:** Alentejo; Quinta-feira de Ascensão; Dia da Espiga; Ritual; Vida Quotidiana.

## Abstract

This text showcases a socio-anthropological analysis of “Dia da Espiga” [The Cob Day], as a family ritual. Drawing upon diverse disciplinary contributions and previous empirical research developed by the author, the text uses reflexive self-observation and auto-ethnographic writing, having the city of Évora as a backdrop, to explore, imagine and discuss scientifically Alentejo’ both tangible and intangible cultural and heritage objects at a global scale.

**Keywords:** Alentejo; Ascension Thursday; Cob Day; Ritual; Everyday Life.

## **"Quem tem trigo d'Ascensão, todo o ano terá pão." Ditos de velha, ritual ou reinvenção da tradição?**

*In memoriam* a Francisco Martins Ramos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Dedico este texto à memória e legado de Francisco Martins Ramos (1943-2017). Antropólogo, foi docente universitário por mais de 30 anos na Universidade de Évora (Portugal). Atento aos *por-maiores* da vida quotidiana, alternava a sageza e perspicácia de uma análise micro e macro como quem viajava sem escala *de Monsaraz a Melbourne* (Costa, 2015). Devo a Francisco Martins Ramos as minhas primeiras incursões na Antropologia do Ritual, ainda durante a licenciatura em Sociologia na Universidade de Évora, e também o gosto pela escrita auto-etnográfica. Vive sempre quem não é esquecido. E viverá sempre o Professor de cuja Lição soubermos continuar a aprender, como este texto intenta demonstrar.

Em Abril de 2016 fui convidada a participar numa tertúlia sobre o Dia da Espiga. Generosamente, o anfitrião do encontro deixou ao meu critério a decisão sobre o título e estrutura da conferência, pedindo-me apenas que abordasse a simbólica do ritual associado ao Dia da Espiga. Não me foi difícil dizer que sim. O título que escolhi para essa intervenção – o mesmo que encima este texto – enfatiza tanto a familiaridade como o estranhamento que o tema suscita<sup>2</sup>.

Nascida no Alentejo e socializada em contexto periurbano da cidade de Évora, julgava saber tudo sobre o Dia da Espiga que, afinal, era também um dos *meus* dias. Durante a minha infância e adolescência, o Dia da Espiga fez parte inolvidável do meu calendário anual, exactamente como os dias de aniversário de nascimento ou morte de qualquer membro da família. E à semelhança desses dias, nunca o facto de não estar assinalado no calendário gregoriano fez com que passasse despercebido. O avanço das semanas que deixavam cada vez mais para trás o Domingo de Páscoa; o aumento da temperatura que por essa altura do ano empurra a Primavera em direcção ao Verão; e a dança escarlata das papoilas nos campos limítrofes constituíam os marcadores temporais que perante as incertezas da data móvel muitas vezes nos levavam a contar, um a um, os quarenta dias até obter a confirmação de que *aquela* era a Quinta-feira de Ascensão. De todos esses anos, não me recordo de um em que não tivéssemos apanhado espiga para substituir a do ano anterior, inclusive para levar para a “casa nova”. Recordo-me também de na primeira Quinta-feira de Ascensão em que por razões profissionais não estava em Évora, ter inusitadamente encontrado uma senhora a vender pequenos ramos de flores, remotamente semelhantes à espiga, numa rua de Lisboa. Por fim, nos anos em que, por coincidência, estive fora do país nesse dia, em Manchester ou em Madrid, foi por correio electrónico, mais recentemente através de *WhatsApp*, que, com a ajuda da família e da tecnologia, cumpri o ritual.

Habituada a estudar os rituais familiares na contemporaneidade (Costa, 2011), a introdução de um olhar científico, em concreto de uma perspectiva socio-antropológica sobre o Dia da Espiga, rapidamente introduziu a constatação de quão estranho é o real-social, que apenas erradamente julgamos conhecer (Pais, 2002). “Tornar estranho aquilo que nos é familiar”, eis o objectivo principal deste texto. Em Évora, cidade que serve de *locus* à

---

<sup>2</sup> Este texto constitui uma adaptação da conferência proferida no âmbito do Festival “Ponto e Alto”, 1.º Festival de Cante Alentejano de São Miguel de Machede, Évora, em 16 de Abril de 2016. A autora agradece aos organizadores o convite e a todos os presentes na SUÃO – Associação para o Desenvolvimento Comunitário de S. Miguel de Machede, a partilha, comentários e sugestões que possibilitaram o aprofundamento e enriquecimento das notas iniciais.

escrita e reflexão, o Dia da Espiga não constitui *apenas* ou *sempre* um ritual familiar. Sobretudo, configura um pretexto para práticas socialmente diversificadas que unem o material e o simbólico, combinam o local e o global e reinventam tradição e modernidade. De modo transversal e complementar, ao ensaiar uma leitura do Dia da Espiga como ritual familiar, este texto intenta também a usar a escrita auto-etnográfica para pensar cientificamente objectos da cultura e do património (i)material alentejano à escala global.

### **Entre o calendário interno e externo à família: os rituais familiares**

A Quinta-Feira de Ascensão, que marca o final do ciclo dos Quarenta Dias inaugurado com a Páscoa, compreende, em Portugal, além das cerimónias religiosas da liturgia cristã — e por vezes com elas relacionadas por determinados elementos —, certas práticas específicas e tradicionais, que parecem constituir fragmentos de complexos mágico-religiosos, cuja textura completa e significado preciso aparecem apenas em alguns casos raros.

No Sul do país, a data é conhecida pela designação de «Dia da Espiga»: as pessoas saem para os campos, para apanharem a «espiga», isto é, arranjam um raminho, que enquadra fundamentalmente uma espiga de trigo e um ranco de oliveira, e que se compõe, além destas espécies, de espigas, a preceito, de outros cereais – centeio, cevada, aveia, etc. –, e também rosas, papoilas, malmequeres, margaridas, pampilhos, ou outras flores campestres, em número e combinações variáveis conforme as localidades, mas certas em relação a cada uma, que se pendura dentro de casa, na parede da cozinha ou da sala, e aí se conserva um ano, até ser substituído pela «espiga» do ano seguinte, e a que, colhida nesse dia, se associa uma ideia expressa de virtude benfazeja.

Ernesto Veiga de Oliveira - **Festividades Cíclicas em Portugal**. 1984. p. 113.

Juntamente com Luís Chaves (1932), devemos a Ernesto Veiga de Oliveira<sup>3</sup> as descrições etnológicas mais detalhadas em torno do Dia da Espiga em Portugal (Oliveira, 1957, 1984). Na biobibliografia escrita em 1989 para abrir

---

<sup>3</sup> Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Évora, que em 27 de Julho de 1984 lhe outorgou o título, sendo Patrono Ilídio Melo Peres do Amaral.

um volume de estudos organizado em sua homenagem, faz-se referência a esse país “fora do presente” que o etnólogo calcorreou e profusamente descreveu, “atardando-se nas aldeias, empapando-se da sua cultura e assimilando-a, em longa vivência contemplativa participante” (Baptista, 1989, p. 7). Indubitavelmente, as descrições de Veiga de Oliveira sobre o Dia da Espiga estarão hoje ainda mais “fora do presente” que à data em que foram escritas. O propósito deste texto não é o de oferecer uma descrição alternativa, tão-pouco actualizada, mas complementar. O desafio, o de perspectivar o Dia da Espiga enquanto “prática familiar” (Morgan, 1996, 1999), e particularmente como um ritual familiar. De modo transversal, atender com relatividade às generalizações aplicadas dedutivamente às festividades cíclicas de Portugal, olhá-las na sua especificidade, ao modo como são contestadas, mas também reinterpretadas.

“A «festa da espiga» é familiar” (Chaves, 1932, p. 89). Na descrição do então Conservador do Museu Etnológico Português, datada de 1932, pode ler-se: “Os bandos da gente, que vai ao campo, levam seu farnel dos dias festivos, que o descanso espreita. O repasto será comido na sombra das árvores amigas. E a família, que fêz maravilhas a organizar e compor a ementa do pic-nic, delicia-se na paz serena do sol da Ascensão. A essa hora, já estão colhidos os ramos de oliveira, espigas e flôres; fizeram-no como cerimónia de obrigação pais e filhos. Depois, prostrados na sombra, deliciam-se nas belezas da estação, alegrando-se de uma prática já cumprida e que não compreendem já. Aqueles ramos são guardados em casa até ao ano seguinte, com o cuidado activo das preciosidades. É que eles garantem a fartura na arca e os bens na bolsa, com a ajuda de Deus, a paz do lar e o proveito da grei” (Chaves, 1932, p. 89)<sup>4</sup>.

A etimologia da palavra rito (do latim *ritus*) remete para a “ordem prescrita” e está na base das acepções comuns de “rito” e “ritual” que transmitem a ideia de um comportamento ou conjunto de comportamentos socialmente prescritos, de carácter repetitivo e orientados para a prossecução de um qualquer fim<sup>5</sup>. Já nos dicionários de Antropologia e Sociologia, “ritos” e “rituais” surgem quase sempre associados ao culto religioso, ao sagrado, à ma-

<sup>4</sup> A transcrição respeita a ortografia deste e dos seguintes documentos citados.

<sup>5</sup> Enquanto substantivo masculino “rito” e “ritual” são utilizados como sinónimos. Já a forma adjectivada distingue-se do substantivo para traduzir actos no decurso de cerimónias que têm as características de ritos (pelo que é possível falar de comportamentos ou de refeições rituais), ou para enfatizar ou aplicar determinadas características próprias dos (ou associadas aos) ritos, como a repetição, cerimónia ou protocolo a outros actos que não ritos em si mesmo.

gia ou ao divino<sup>6</sup>. Ainda assim, a pesquisa em dicionários especializados revela um alargamento da definição de rito ao longo do tempo: de início sobretudo associada ao campo do sagrado, hoje mais próxima de aspectos seculares da vida de todos os dias<sup>7</sup>.

Apesar de o estudo dos rituais se confundir com a própria história da Sociologia e da Antropologia, a investigação sociológica em torno do tema no quadro específico dos estudos da família tem pouco mais de 50 anos. Foi em 1950 que James Bossard e Eleanor Boll publicaram aquele que viria a ser considerado o estudo pioneiro sobre os rituais familiares em Sociologia: *Ritual in Family Living – A Contemporary Study*. Apoiado em cerca de 400 testemunhos e cobrindo um período de 80 anos, concluía – à data – que o ritual se mantinha na vida familiar e que não havia desaparecido com a modernização da família; pelo contrário, continuava a fazer parte desta.

Enquanto objecto de investigação sociológica, ritual familiar é qualquer prática prescrita que resulta da interacção familiar, direccionada para um fim específico e da qual se pode retirar um significado especial. Esta conceptualização é tributária do trabalho pioneiro de Bossard e Boll (1950), contributos diversos provenientes de largo espectro disciplinar e investigação empírica anterior levada a cabo pela autora (Costa, 2011). Assim definido, o ritual familiar perpassa inúmeros aspectos da vida familiar. Da mesma forma que esta acepção permite incluir rotinas, tradições e celebrações familiares (Wolin et al. 1984), é também suficientemente flexível para captar situações menos previsíveis, mais espontâneas ou idiossincráticas das famílias.

Inscritos no calendário familiar (Daly, 1996), simultaneamente construído a partir do interior mas também pelo exterior (Imber-Black et al., 1993), há uma multiplicidade e diversidade de rituais familiares. Três dimensões afiguram-se como especialmente importantes na adjectivação de determinadas práticas como ritual familiar. Primeiro, o tempo. Distintos das rotinas nas dimensões de comunicação, compromisso e continuidade

<sup>6</sup> Veja-se, a propósito, como na **Enciclopédia Einaudi** a entrada 'Rito' surge incluída no volume dedicado ao tema 'Religião' (vol. 30). Os sub-temas que o compõem são: Magia, Feitiçaria, Puro/Impuro; Iniciação; Canibalismo; Pessoa; Heróis; Deuses; Divino; Religião; Sonho/Visão; Messias; Milénio; Rito; Feitiço; Cerimonial; Jogo; Festa; Realeza; Agonismo e Luto.

<sup>7</sup> Ver para o primeiro caso **Dictionary of Anthropology** (1956); **Dictionnaire de Sociologie Larousse** (1973); **Diccionario de Ciencias Sociales** (1976) e **Dicionário de Antropologia – do Homem Primitivo às Sociedades actuais** (1983) e para o segundo, **Dicionário de Sociologia** (1982); **Dicionário de Sociologia** (1990); **MacMillan Student Encyclopedia of Sociology** (1994); **Dicionário Breve de Sociologia** (1997); **Dictionary of Sociology** (1998) e **Dictionnaire de Sociologie** (1999).

(Fiese et al., 2002; Fiese, 2006), os rituais familiares são momentos ou eventos que reservam para si um tempo protegido, que alteram a normalidade e que, no quotidiano, ao longo do calendário anual das famílias ou do tempo de vida dos indivíduos que a elas se ligam, impõem um tempo diferente e especial, que pode ser antecipado e, mais tarde, lembrado e reinterpretado. Depois, o espaço. A coordenada tempo funde-se no e com o espaço e dá-lhe significado. O espaço condiciona, molda e transforma o banal e a *performance* dos vários actores, ao mesmo tempo que define as fronteiras entre quem faz e não faz parte da família, quem é anfitrião ou convidado, protagonista ou destinatário. Finalmente, a emoção. Há um compromisso afectivo que une os vários protagonistas do ritual e que é responsável por uma espécie de colorido emocional que pincela tais ocasiões. Essas emoções não são apenas momentâneas, já que os rituais deixam vestígios emocionais quando cumpridos e mantêm significados em potência passíveis de serem visitados, revisitados e, também por isso, reinterpretados do ponto de vista da experiência afectiva e simbólica que consigo transportam.

### **A espiga e a ascensão, a festa e a excepção**

A festa é a ruptura total com a prática quotidiana. Momento de escape institucionalizado, ela corta e ultrapassa as barreiras formais e rígidas do controlo social, nega o peso estrutural das coisas organizadas na óptica do dever ser, permite o desvio da norma e mete no bolso os interditos habituais. Os comportamentos festivos, diversificados na forma, e espaçados no tempo (Romarias, Procissões, Bailes da Quaresma e do Cortiço, Festas da Vila ou da Aldeia, Natal, Páscoa, casamentos, aniversários, baptizados, a matança do porco (antigamente o Entrudo e a Festa da Santa Cruz), pulverizam a afirmação grupal e, paradoxalmente, funcionam como instrumento de coesão social. Apesar da atomização dos acontecimentos festivos, derivada das modalidades indicadas, a festa une os habitantes da vila e até da freguesia (parentes, vizinhos, amigos e conhecidos) como um elemento aglutinador que faz esquecer quezílias, diferenças e distâncias. Tal é o caso extremo das festas tradicionais. A comunidade revê-se na festa e elege-a como o momento mais alto da sua identidade colectiva.

Francisco Martins Ramos – **Breviário Alentejano**. 2006, p. 57.

Enquanto ritual familiar, o Dia da Espiga beneficia de um tempo protegido e especial que advém, desde logo, do facto de coincidir com a celebração, no calendário litúrgico, da Ascensão de Cristo aos Céus, que conforme descrição no Evangelho de Lucas (Lc XXIV, 50-52), se deu perto de Betânia, no Monte das Oliveiras. O episódio é comumente apresentado como um momento de glorificação e júbilo entre a comunidade cristã (Falcão, 2004). Alguns municípios assinalam no calendário civil local a solenidade religiosa, gozando assim da existência de um feriado que os dispensa da actividade laboral e escolar<sup>8</sup>. Veiga de Oliveira releva o carácter sagrado e eminentemente festivo das celebrações deste dia em “proibições rigorosas de trabalho, que nele atingem o nível do maravilhoso” (Oliveira, 1984, p. 116), e que em algumas localidades incluíam interditos inclusive sobre actividades não pagas, como cozer o pão, costurar, remendar ou cozinhar.

A existência de um tempo diferente e protegido parece não ser exclusivo dos homens e mulheres, mas de todo o ecossistema a que pertencem, incluindo o mundo não humano. Segundo Luís Chaves, “a solenidade é a um tempo litúrgica e pagã, – pagã no sentido de *pagus*, terra, campo, natureza, – ou melhor, semi-pagã, com a associação de práticas mais ou menos conscientemente supersticiosas e de fé cristianíssima” (Chaves, 1932, p. 86). Para comprovar a alegria associada a este dia, dizia-se em vários locais que durante as celebrações eucarísticas da Ascensão (a chamada *reza da hora*, do meio-dia à uma da tarde), “os passarinhos não vão ao ninho com a alegria” (Chaves, 1932, p. 87) ou que, nesse dia, “nem os passarinhos bolem nos ninhos” (Oliveira, 1984, p. 116). Esta mesma ideia é reforçada no cancioneiro popular alentejano: *Se os passarinhos soubessem/ Quando é dia d’Ascensão,/ Nem subiam ao seu ninho,/ Nem punham o pé no chão* (Pires, 1902 *apud* Matos, 2011). Diversas superstições prescreviam a hora a que determinadas flores e plantas deveriam ser colhidas, por se acreditar que, dessa forma, conservariam determinados poderes medicinais. A produtos derivados desse dia, como sejam os ovos de galinha, o leite ordenhado ou o queijo fabricado, eram também atribuídas frequentemente propriedades distintivas e quase sempre especiais (Chaves, 1932, Oliveira, 1984). Finalmente, a sabedoria popular augura o ano agrícola e a economia alimentar através de adágios que atentam às condições atmosféricas registadas em Quinta-feira de Ascensão: *Água d’Ascensão, tira o vinho e dá o pão; Chuvinha da Ascensão, dá palhinha e dá pão; Quinta-feira da Ascensão, coalha a amêndoa e o pinhão; Se chover na Quinta-feira da Ascensão, as pedrinhas darão pão*.

<sup>8</sup> No calendário civil português, a Quinta-feira de Ascensão já foi feriado nacional. Deixou de o ser em 1952, mas continua a ser feriado em muitos municípios. Segundo o **Almanaque Borda d’Água**, serão pelo menos trinta os municípios em que isso acontece (2019).



A polissemia transicional para que o ritual do Dia da Espiga remete parece anterior ao Cristianismo. Enquanto marcador da sucessão dos ciclos anuais agrários e das estações, Leite de Vasconcelos liga-o mitologicamente a tempos imemoriais de cultos de adoração à terra-mãe, festejos em honra da natureza e consagrações por parte dos deuses da Antiguidade (Vasconcelos, 1882). Luís Chaves notabiliza-o no calendário etnográfico da Primavera por relação com as antigas tradições festivas das Maias (Chaves, 1932), rituais pagãos ancestrais que na temporalidade mediterrânica celebravam a mudança da estação e a chegada dos frutos, as colheitas e a renovação cíclica anual da vida vegetal e animal (Matos, 2011).

O campo e, de uma forma mais ampla, a natureza, simultaneamente produto e produtora da sociedade de base agrícola, constitui o espaço transformador da *performance* que o Dia da Espiga encerra. “Fenómeno totalizante” (Ramos, 2006, p. 58), a festa chama todos, sem excepção, à celebração desse tempo novo, diferente e especial. Enquanto rompe com a prática quotidiana, a festa constitui-se como ponto de encontro indutor à atracção mútua entre pares. Disso mesmo nos dão conta algumas quadras populares que aproximam numa contiguidade quási-natural a Ascensão e a paixão: *Quinta-feira da Ascensão/ É que se arranjam amores/ Quando o trigo está em chão/ E todo o campo cheio de flores* (Baleiro, 2014) ou *Quinta-feira d’Ascensão/ Toda a erva tem virtude/ Quis lograr teu coração/ Fiz diligências e não pude*<sup>9</sup>. Essa mesma associação não escapou à figuração estilizada de Alice Rey Colaço, ilustradora portuguesa (1890-1978), que em postal datado dos anos 20 do século XX, junta em grande plano duas das suas “características caras risonhas, corpos esbeltos e elásticos” (Silva, 2012) e um rapaz no “Dia da Espiga”<sup>10</sup>. Na parte inferior do postal, qual legenda, pequenas ilustrações fazem a correspondência visual entre as plantas que compõem a cena campestre e a simbologia que lhe está associada: à espiga de trigo, “pão”; à papoila, “amôr”; à oliveira, “paz”; por fim, ao malmequer, “dinheiro”.

No domínio da emoção, podemos e devemos resgatar os sentidos por detrás da acção. O cancionero alentejano canta que: *Tudo vai colher ao campo/ Quinta-feira d’Ascensão,/ trigo, papoila, oliveira./p’ra que Deus dê paz e pão* (Santos, 1959 *apud* Matos, 2011), e na memória popular dos mais velhos subsiste a convicção: *A Quinta-feira d’Ascensão/ Sempre foi e há-de ser/ Cá no nosso Alentejo/ Um dia para não esquecer*<sup>11</sup>. O ramo da espiga constitui esse fragmento “de complexos mágico-religiosos” de que falava Ernesto Veiga de Oliveira (1984). As flores e plantas que o compõem são simples e abundam no

<sup>9</sup> Recolha oral junto de TJ (n. 1918), em Évora, a 15-04-2016.

<sup>10</sup> Título da ilustração, cf. reprodução por Hernâni Matos (2011).

<sup>11</sup> Recolha oral junto de EPC (n. 1942), em Évora, a 15-04-2016.

cenário de todos os dias das pessoas que vivem e trabalham no âmago da sociedade que lhe confere o sentido: o campo. Cada uma dessas flores e plantas tem um significado de *per si*, mas a “textura completa e significado preciso” do ramo é mais que a soma das partes. Como descreve Luís Chaves: “Quem tiver consigo as folhas de oliveira, não carecerá de azeite pelo ano todo; as espigas prometem um ano de pão farto; e aquelas flôres amarelas e brancas, tão numerosas que possível, chamarão ouro, por atracção da côr, e prata, por associação metálica” (Chaves, 1932, p. 88). Conservado durante um ano e substituído no ano seguinte, acredita-se que este ramo trará “fartura e felicidade” (Chaves, 1932, p. 56) à casa onde estiver. Com precisão, “Deve notar-se que a prática no Sul se aplica ao trigo, – o pão da fartura e da paz doméstica – e à oliveira, – do azeite santo, que arde nas lâmpadas e unge os moribundos, e é condimento no prato. Na região de maior cultura do trigo (Alentejo), é ainda o pão e o azeite na «açorda» o alimento fundamental” (Chaves, 1932, p. 88).

### Calendários, rituais e a vida de todos os dias

No Alentejo, deve colher-se o ramo do *meio-dia à uma hora*, (recordar a *reza da hora*), e consta de *cinco* folhas de oliveira, *cinco* espigas de trigo, e o maior numero possível de flôres amarelas e brancas, que possam apanhar-se, enquanto são rezados *cinco* Padre-Nossos, *cinco* Avé-Marias e *cinco* Glórias. O número cinco, de suposto sentido mágico, provém neste caso das cinco chagas de Cristo, e com o número dos Padre-Nossos por analogia o número das folhas e espigas colhidas; o número três tem igualmente evocação evangélica em casos idênticos.

Em otros lugares é indiferente o número das folhas e das espigas: devem ser apanhadas, é o que importa, se bem-que em Lisboa se vendam os ramos já aparelhados, na facilitação do prestígio das espigas, folhas de oliveira e papoulas, ao-alcance-do «alfacinha», que não pode sair da cidade.

Luís Chaves - **Portugal Além: Notas Etnográficas**. 1932, p. 88.

Num jornal eborense de início do século XX podia ler-se: “Dia da Espiga. Respeitando a tradição, Évora despovoou-se na quinta-feira. A cidade ficou deserta.” (**Democracia do Sul**, 27 de Maio de 1922 *apud* Arimateia, 2009). Com toda a certeza, a cidade de Évora já não fica “deserta” em Quinta-feira de Ascensão. Muitos dos seus habitantes desconhecerao o que significa este dia, e alguns talvez nunca tenham ouvido falar do Dia da Espiga. Em outros

casos porém, contestando a hegemonia das etnografias urbanas (Cordeiro et al., 2003) e da lufa-lufa quotidiana (Pais, 2010), dentro *da casa* e *na família*, parece haver um ritual por revelar.

Consentânea com a invenção da tradição (Hobsbawn et al., 1997), a alteração das formas de celebração dos rituais pode dar a ilusão do seu desaparecimento ou perda de importância. Em Évora, hoje como em 1922, o ritual afirma-se na pluralidade e diversidade. Alguns serviços e comércio encerram portas em Quinta-feira de Ascensão; são concedidas tolerâncias parciais aqui e ali, e admite-se uma certa flexibilidade, especialmente durante a parte da tarde, a fim de permitir que quem o deseje possa cumprir o ritual. Paralelamente, organizam-se pequenas festas, piqueniques, encontros ou caminhadas que exaltam a natureza através dos temas do ambientalismo e pedestrianismo, os estilos de vida saudáveis, o envelhecimento activo, a família, a amizade ou a solidariedade. Em Quinta-feira de Ascensão, não é raro ver nas estradas do Alentejo automóveis encostados à berma, cabeças de fora e condutores que abrandam e perguntam: “Sabe onde há trigo?” “E papoilas? Alguém viu?”. Em pequenos ajuntamentos que se formam junto às estradas, as pessoas encontram-se e falam. Recordam o passado e lamentam o presente. Retornando à infância, contam como era sair para ir à espiga com os pais, os avós ou os professores. Algumas pessoas mais velhas falam do tempo em que “todos” iam apanhar a espiga. Outras, mais novas, perguntam “o que é isso” ou se o ramo fica “incompleto” sem trigo. “Será que dá azar”? Colocam-se outras plantas, acrescentam-se adereços e acredita-se que “o que conta é a intenção” e que “há que manter a tradição”. Não há, apesar de tudo, muito tempo. Há que ser rápido. Alguém espera. Por vezes não se chega sequer a desligar o carro. “Não podemos demorar muito tempo. Temos de ir. Até para o ano!”.

A muitos quilómetros de distância, outros tempos e modos ajudam a manter viva a tradição. Fora de Évora, e até mesmo de Portugal, algumas pessoas cujos pais ou outros familiares vivem no campo, pedem-lhes que apanhem a espiga e a guardem para mais tarde a levarem para as suas casas “urbanas”. Em muitas praças e floristas de Lisboa, continuam a ser vendidos pequenos ramos de flores do campo em Quinta-feira de Ascensão. O ramo a que se chama “espiga” modernizou-se, commodificou-se, e há quem compre! Seja porque lhes lembra as espigas da sua infância, seja porque são seduzidos por uma tradição que desconhecem, mas que rapidamente apropriam como “sua”. Passam, olham e escolhem. Procuram o “melhor”, “aquele que tenha tudo” e lhes traga a abundância prometida. Em muitas casas, ao final do Dia da Espiga, o ramo será pendurado e as fotografias partilhadas através do *smartphone* chegarão rapidamente a todos, em todo o lado. O dia passa e a vida regressa à normalidade de todos os dias.

Ao convocar e condensar as coordenadas tempo, espaço e emoção, os rituais familiares servem o propósito de afirmar a suspensão da realidade

que as famílias enfrentam: um tempo escasso e fragmentado, um espaço avulso e fragmentado, e uma acção que obriga mais à injunção que à reflexão. Simultaneamente, ajudam a construir o seu oposto: um tempo e espaço especial, atravessado pela sentimentalização e emoção. Ao suspenderem o quotidiano, os rituais familiares constroem, consolidam e reproduzem não apenas as famílias em que os indivíduos vivem, como também aquelas pelas quais vivem (Gillis, 1996). O Dia da Espiga parece não constituir excepção. •

## Bibliografia

ARIMATEIA, Rui – O Dia da Espiga ou 5.ª Feira d'Ascensão. **EvoraOculta** [Em linha]. atual. 20 Mai 2009. [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em WWW:<<http://evoraoculta.blogspot.com/2009/05/o-dia-da-espiga-ou-5-feira-das-censao.html>>.

BALEIRO, Zu – Quadras da Quinta-feira da Ascensão/ Orações diversas. **O blog da Zu** [Em linha]. atual. 21 Jun 2014. [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em WWW:<<http://zuzu-luzazul.blogspot.com/2014/06/quadras-da-quinta-feira-da-ascensao.html>>.

BAPTISTA, Fernando Oliveira – Ernesto Veiga de Oliveira (1910/1990). In BAPTISTA, Fernando Oliveira – **Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira**. Lisboa: INIC – Centro de Estudos de Etnologia, 1989. ISBN 972667101X. pp.7-16.

BORDA D'ÁGUA – **O Verdadeiro Almanaque Borda d'Água: Repertório Útil a toda a gente**. Lisboa: Minerva, 2019.

BOSSARD, James H. S.; BOLL, Eleanor S. – **Ritual in Family Living – A Contemporary Study**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1950.

CHAVES, Luís – **Portugal Além: Notas Etnográficas**. Gaia: Edições Pátria, 1932. vol. 1.

CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino – **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003.

COSTA, Rosalina – Recensão a O Jardineiro do Caucuco: temas antropológicos de Francisco Martins Ramos. **ETNICEX: Revista de Estudos Etnográficos**. Cáceres. ISSN 2172-7635. 7 (2015) 229-233.

COSTA, Rosalina Pisco – **Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2011. Tese de doutoramento.

DALY, Kerry J. – **Families & Time – keeping pace in a hurried culture**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

FALCÃO, Manuel Franco – Ascensão. In **Enciclopédia Católica Popular** [Em linha]. Atual. 8 Set. 2004. [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em WWW:<[http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id\\_entrada=140](http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=140)>.

FIESE, B. H. – **Family Routines and Rituals**. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

FIESE, B. H. [et al.] – A Review of 50 Years of Research on Naturally Occurring Family Routines and Rituals: cause for celebration? **Journal of Family Psychology**. Washington. ISSN 08933200. 16:4 (2002) 381-390.

GILLIS, J. R. – **A World of their Own Making. Myth, Ritual, and the Quest for family Values**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

HOBSBAWN, Eric J.; RANGER, T. – **A Invenção Das Tradições**. 6.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IMBER-BLACK, E.; ROBERTS, J. – **Rituals for Our Times: Celebrating, healing, and changing our lives and our relationships**. New York: Harper Perennial, 1993.

MATOS, Hernâni – O Dia da Espiga. **Do Tempo da Outra Senhora. A Escrita como Instrumento de Libertação do Homem** [Em linha]. Atual. 1 Jun 2011. [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em WWW:<<https://dotempodaoutrasenhora.blogspot.com/2011/06/o-dia-da-espiga-2-edicao.html>>.

MORGAN, D. H. J. – **Family Connections – an introduction to family studies**. Cambridge: Polity Press, 1996.

MORGAN, D. H. J. – Risk and family practices: accounting for change and fluidity in family life. In SILVA, E.B.; SMART, C. – **The New Family?** London: Sage, 1999. p. 13-30.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – A Quinta-Feira de Ascensão em Portugal. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. Porto. ISSN 0304-243X. 15: 3-4 (1957) 288-293.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – **Festividades cíclicas em Portugal**. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

PAIS, José Machado – **Sociologia da Vida Quotidiana – teorias, métodos e estudos de caso**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

PAIS, José Machado – **Lufa-lufa Quotidiana, Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

RAMOS, Francisco Martins – **Breviário Alentejano**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

SILVA, Jorge – Les portugais sont toujours gais. **Almanak Silva** [Em linha]. (15 Out 2012). [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em WWW:< <https://almanakesilva.wordpress.com/2012/10/15/les-portugais-sont-toujours-gais/>>.

VASCONCELOS, José Leite de – **Tradições Populares de Portugal**. Porto: Clavel & Ca., 1882.

WOLIN, S. J.; BENNETT, L. A. – Family Rituals. **Family Process**. New York. ISSN 0014-7370. 23 (1984) 401-420.